

Conheça Katharine Hepburn,
uma mulher vibrante com
a mais vitoriosa carreira
teatral e cinematográfica
dos tempos modernos

Uma lenda chamada Kate

JAMES STEWART-GORDON

ESSA MULHER fala comigo como se eu fosse um microfone» — assim foi Katharine Hepburn cruelmente classificada por Humphrey Bogart, quando os dois estavam filmando *Uma aventura na África*. Ao descobrir que a excentricidade de Kate não era só pose, mas a real expressão de sua personalidade, Bogart suavizou um pouco sua opinião: «Ela não tenta encarnar um personagem. Ela é o próprio personagem.»

Katharine é também a mais vitoriosa e perene estrela da história do cinema norte-americano. Desde sua estréia, em 1932, fez 37 filmes, interpretou 29 peças, ganhou mais de cinco milhões de dólares e se tornou a campeã do *Oscar* em todos os tempos. Recebeu nada menos do que três *Oscars* como melhor atriz e foi candidata a eles oito vezes.

Além do seu talento como atriz, Kate é uma perfeita atleta nata. Quando jovem, jogou golfe, e hoje, aos 64 anos, joga tênis, pratica patinação artística, sabe pilotar avião e

tenta nadar onde houver pelo menos um centímetro d'água. Seus passatempos: pintar paisagens românticas e fazer jardinagem. É tão ciosa de sua



privacy que escreveu em defesa desse direito para a revista jurídica da Universidade de Virgínia, em 1965.

As pessoas que não a conhecem bem têm tendência para tomar como rude sua franqueza. «Mas, ela não é mais rude do que qualquer mulher que sabe o que quer», diz George Stevens, que a dirigiu muitas vezes. Outro diretor, George Cukor, afirma: «Ela faz tudo abertamente — e está preparada para sofrer as conseqüências.»

As mais notáveis características físicas de Kate Hepburn são, naturalmente, a bela configuração óssea de seu rosto, os lábios, que se inclinam para baixo, mas que podem, num momento, inverter a posição e mostrar um largo sorriso, e sua voz absolutamente única. A maneira de falar e a voz são de sua própria criação. Quando era jovem atriz, tinha tendência para macaquear qualquer pessoa com quem estivesse falando. Numa de suas primeiras peças, em que desempenhava o papel de uma secretária conversando com um francês, começou falando normalmente, mas, já no fim da primeira cena, Katie se pôs a imitar seu parceiro tão fielmente que a cena se tornou cômica e o teatro veio abaixo de riso. Este problema foi posteriormente resolvido, quando ela criou (e passou a usar constantemente) sua própria maneira de falar.

Aos 60 anos, Katie aceitou estrelar sua primeira comédia musical na Broadway, *Coco* (vagamente baseada na vida da costureira francesa «Coco» Chanel). Houve quem duvidasse então de sua capacidade para cantar, mas ninguém precisava ter se preo-

cupado. No primeiro ensaio, ela sabia de cor todas as suas falas, e tinha na ponta da língua toda espécie de sugestões para melhorar o espetáculo e as condições de trabalho do elenco e do teatro. No palco, ela não apenas cantava, mas também saltava e rodopiava como uma garota de escola. Graças à sua presença, a peça teve a maior venda antecipada de ingressos da história da Broadway: um milhão e meio de dólares.

Katharine Houghton Hepburn nasceu a 8 de novembro de 1909 em Hartford, Connecticut, sendo a segunda dos seis filhos do Dr. Thomas N. Hepburn e de Katharine Houghton Hepburn. Na infância, podia ser perfeitamente classificada de «sapecca», como se dizia na época, e era páreo para seus irmãos e os amigos destes, chegando até o extremo de raspar a cabeça no verão, para andar mais à fresca. Para distraí-la, o Dr. Hepburn montou um sistema de cabos com roldanas sobre um gramado. Diariamente, Kate (então uma forte garota de nove anos e cabelos ruivos) deslizava de um lado para outro dos cabos, como um cometa humano, de cabeça para baixo e pendurada pelas pernas. Em sua família, as crianças eram encorajadas a falar. Seu pai (também muito falador) aconselhava: «A vida é muito curta para a gente se dar ao luxo de ser introvertido. Quando quiserem dizer algo, digam-no decididamente. Poderão até estar errados, mas nunca evitem uma resposta.» Kate seguiu seu conselho à risca.

Mandada para a Universidade Bryn Mawr, a jovem Kate não se deu

bem por lá. Na primavera de 1928, quando estava no quarto ano, arranhou algum dinheiro emprestado e foi para Baltimore, tentar um lugar numa companhia de teatro. Embora fosse descrita pelo produtor como «verde» e «esquisita», acabou contratada. Mais tarde, nesse mesmo ano, casou-se com Ludlow Ogden Smith e continuou a representar, desempenhando apenas pequenos papéis.

Durante quatro anos, a carreira teatral de Kate foi instável como um ioiô. Então, em 1932, foi escolhida para interpretar uma guerreira amazônica que, coberta por uma túnica curtiinha, saltava atleticamente pelo palco. Fascinado por suas pernas, esguias e esbeltas, o público fazia filas imensas na bilheteria. Então, começaram a chegar propostas de Hollywood. Aborrecida com isso («Eles não gostaram de mim até que mostrei as pernas»), Kate decidiu pedir um fabuloso aumento de salário — 1.500 dólares por semana. Para sua imensa surpresa, eles concordaram.

George Cukor dirigiu seu primeiro filme em Hollywood, *A Bill of Divorcement*. Interpretando a filha de John Barrymore, ela deu ao papel tanta naturalidade e ternura que conquistou os corações de todos que a viram. Fitas boas e más se alternaram a seguir, dependendo apenas das histórias que seu estúdio, a RKO, lhe escolhia. Em 1938, já divorciada, adquiriu a reputação de «perigo de bilheteria» — uma estrela cujos filmes nunca davam certo. Quando se candidatou ao papel de Scarlett O'Hara em ... *E o vento levou*, o produtor David

O. Selznick disse-lhe francamente: «Não consigo imaginar Clark Gable apaixonado por você.»

Kate voltou para sua família em Connecticut, tentando se readaptar. Aí, foi visitada pelo teatrólogo Philip Barry, que lhe apresentou uma peça chamada *The Philadelphia Story*. Kate adorou-a e comprou parte dos direitos para produção na Broadway e no cinema.

Se, no passado, ela fracassara em sua tentativa de entusiasmar os críticos de teatro, tinha-os agora à sua mercê em *The Philadelphia Story*. Ela era um sucesso — real, palpável, como ouro. Veio então o grande momento pelo qual esperava: a proposta de Hollywood para comprar os direitos de filmagem, e a descoberta de que *ela* os possuía. Espanada a poeira, Kate voltou a Hollywood ganhando perto de meio milhão de dólares como parte dos lucros, um novo contrato e o direito de escolher as histórias para seus futuros filmes. A carreira de Hepburn renasceu das cinzas como a Fênix.

Nos anos que se seguiram, encontrou em Spencer Tracy seu parceiro ideal para a tela. Quando lhe foi apresentada, perguntou: «Você não é bastante alto para mim, é?» Tracy respondeu: «Não se preocupe, Srta. Hepburn. Fique tranqüila que eu a farei chegar ao meu tamanho.» Ano após ano, eles estrelaram comédias que não só foram grandes sucessos de bilheteria, como são hoje considerados pelos historiadores de cinema como alguns dos filmes mais engraçados já produzidos.

Tracy sofreu uma congestão pulmonar em 1963 e teve de ser hospitalizado. Kate passou os anos seguintes à sua cabeceira. Pouco antes de ele morrer, em 1967, completaram seu último filme juntos, *Adivinhe quem vem para jantar* — o qual arrebatou uma série de *Oscars*, inclusive um para Kate (o seu segundo).

Sua dor pela morte de Spencer foi silenciosa, íntima e profunda, mas, para surpresa de todos, em vez de se aposentar, Kate retomou sua carreira cinematográfica com *O leão no inverno*. Por seu incomparável desempenho no papel da tempestuosa Rainha Eleanor da Aquitânia, ganhou o terceiro *Oscar* — um fato inédito.

Ainda hoje, Kate mantém sua insaciável curiosidade e espírito indo-

mável. Há pouco tempo, eu estava no hotel Beverly Hills, e um grupo de pessoas admirava uma garota ruiva, de pernas esguias, com um saíote de tênis. Era Kate, não apenas jogando, como ainda desfechando uma saravada de conselhos sobre a maneira de jogar de seu parceiro. Pensei sobre sua vida notável, e uma frase da peça *Victoria Regina*, de Laurence Housman, me veio à mente. É na ocasião em que a Rainha Vitória desfila por Londres num luxuoso carro aberto, e um cidadão grita para ela: «Muito bem garotona. Você é mesmo grande!»

À sua própria maneira, Kate tem muito de uma rainha, e tudo que ela fez foi com o estilo e a elegância de um membro da realeza.



EU ESTAVA preparando uma visita ao Planetário de Londres com a minha classe de garotos de sete e oito anos. Como eram todos pequenos, precisei prepará-los cuidadosamente, com explicações sobre as relações entre a Terra, o Sol, as estrelas, a Lua e os planetas. Senti que havia falhado redondamente quando o irmãozinho de cinco anos de um dos meus alunos me chamou, e perguntou muito excitado: «Por favor, professora, quando é que a senhora e a sua classe vão mesmo fazer o seu passeio à Lua?»

— L. M. C.

DURANTE os períodos em que servem na guarda do Palácio de Buckingham, os oficiais, por tradição, vestem sempre as fardas de gala todas as noites, pois o oficial de serviço pode receber, de repente, um convite de última hora para jantar com a Família Real.

Uma noite, um jovem oficial foi realmente convidado. Reparando na camisa e na faixa que o rapaz usava, o Príncipe Philip indagou delicadamente se camisas de peito duro e coletes já não se usavam com a farda de gala.

«Usamos geralmente camisas normais, senhor», foi a resposta. «Mas ainda usamos as camisas de peito duro nas ocasiões especiais.»

— *The Daily Telegraph*, Londres